

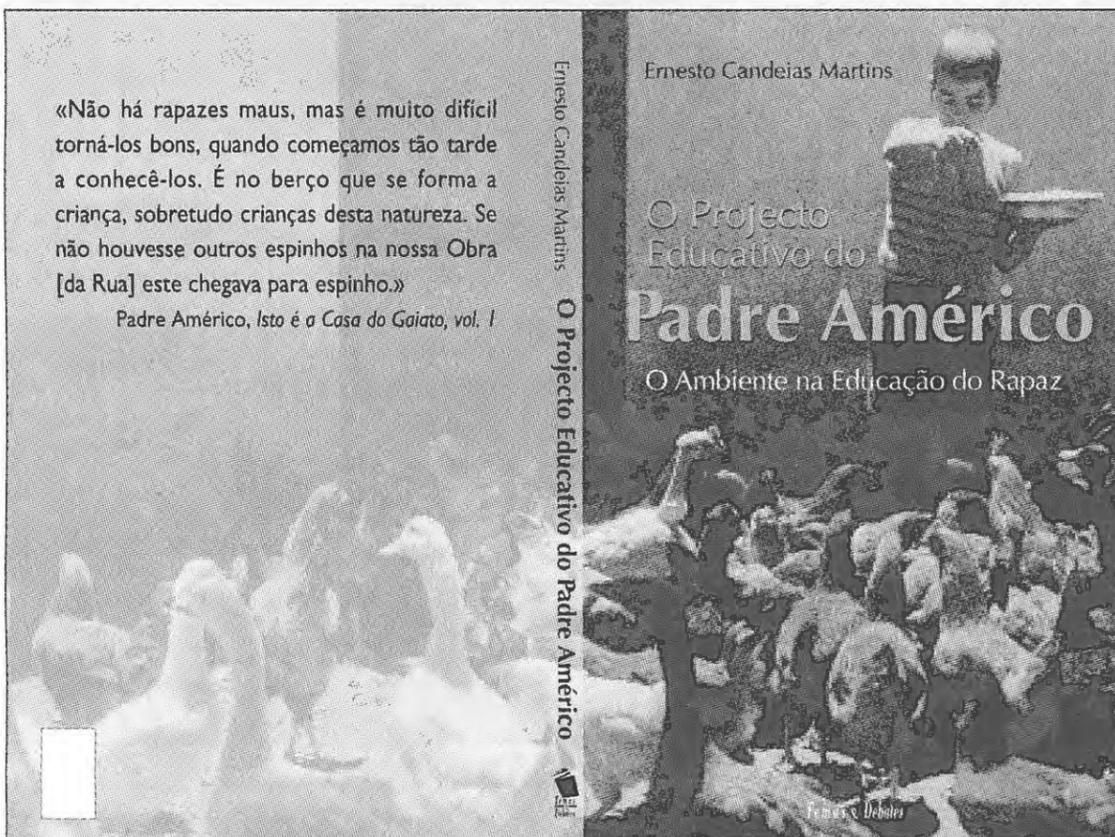


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

30 de Outubro de 2004 • Ano LXI • N.º 1582
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradaru@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



«Não há rapazes maus, mas é muito difícil torná-los bons, quando começamos tão tarde a conhecê-los. É no berço que se forma a criança, sobretudo crianças desta natureza. Se não houvesse outros espinhos na nossa Obra [da Rua] este chegava para espinho.»

Padre Américo, Isto é a Casa do Gaiato, vol. I

Ernesto Candeias Martins

O Projecto Educativo do Padre Américo

Ernesto Candeias Martins

O Projecto Educativo do Padre Américo
O Ambiente na Educação do Rapaz

CONVITE

A *Temas e Debates* e a Obra da Rua ou Obra do Padre Américo têm o prazer de convidar todos os seus Amigos para a sessão de lançamento do livro **O Projecto Educativo do Padre Américo — o Ambiente na Educação do Rapaz**, do Professor Ernesto Candeias Martins, que se realizará no próximo dia **5 de Novembro**, pelas 17 horas, no Palácio dos Arcebispos, na Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal — Loures.

A apresentação será feita pelo Professor Antoni J. Colom Cañellas, considerado a autoridade máxima em Ciências de Educação da Península.

Dignam-se estar presentes Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, **D. José Policarpo** e Sua Excelência o Senhor Presidente da República, **Dr. Jorge Sampaio**.

Temas e Debates

Casa do Gaiato
2660-119 Santo Antão do Tojal
Tel. 219 738 670

Rua Prof. Jorge da Silva Horta
1500-499 Lisboa
Tel. 217 626 003

Lançamento de novo livro

A forma original, simples e familiar de fazer pedagogia nas Casas do Gaiato, está aí apresentada pelo Dr. Ernesto Candeias, Professor e Subdirector da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

Poderia ter outros títulos este tese de Doutoramento: — «Como se visse o Invisível», «Amostra de um Segredo» ou, ainda, «A Revelação de um Mistério».

O modo de educar que o Padre Américo ensaiou nas Casas do Gaiato, e legou como herança aos seus seguidores, tem como principal determinante o amor pelo rapaz sem-família. O amor é um segredo sempre misterioso.

O cientista entrou na nossa intimidade, meteu-se nas Casas do Gaiato, há vários anos. A visão hoje já seria um pouco diferente porque a vida evolui vertiginosamente e com bisturi, método, conceitos e terminologia foi observando e descrevendo esta maneira nova e inovadora de educar.

A descrição do que ia vendo e admirava é confirmada com citações de Pai Américo, o grande impulsor e mestre.

A mais nenhum Padre da Rua foi dado o carisma e sabedoria de escrever ou expressar o que o

coração sente com tão clara acutilância e tão elevado sentimento.

A vida das Casas do Gaiato é passada a pente fino e classificada, momento a momento, no exame pedagógico feito pelo docente de educação.

Até nós, os Padres da Rua, ao lermos o grosso volume, com mais de quatrocentas páginas, nos admiramos do pormenor nos enquadramentos científicos em que estamos envolvidos.

Por experiência confirmada, pelos resultados obtidos, pela intuição que também é, naturalmente, fruto da nossa formação e vida e, ainda, pelo confronto com tantas instituições do Estado ou pró-oficiais, estamos plenamente convencidos de que trilhamos os caminhos não só mais acertados, mas também os mais inovadores.

Esta minuciosa análise confirma o sentir comum dos Padres da Rua e de tantos Amigos que nos conhecem mais de perto e dá-nos não só ânimo como também argumento para apresentarmos a quem, com boas ou más intenções, pretende destruir o que é essencial numa Casa do Gaiato: — A sua pedagogia própria.

O Professor António Nóvoa, no prefácio do livro, afirma: «O

retrato histórico da educação em Portugal escreve-se, quase sempre, a partir de documentação oficial (fontes legislativas, arquivos do Estado) valorizando principalmente o ensino formal. É preciso abrir novas áreas de pesquisa e elucidar o nosso passado-presente a partir de outros pontos de vista».

No preâmbulo, o Professor Antoni Cañellas, aduz: «A grandeza pedagógica do Padre Américo está no seu posicionamento muito simples, mas muito inteli-

gente, pedagogicamente falando. Muito simples e por isso muito difícil e complexo. (...) Soluções naturais, simples e lógicas.

Caso curioso é que esta teoria modesta do Padre Américo, esta forma natural de educar, revoluciona as maneiras de fazer pedagogia.

O ambiente familiar das Casas do Gaiato, a criação de um clima que só os verdadeiros educadores são capazes de erigir culmina uma tarefa educativa.

O Padre Américo foi um mentor do que mais tarde se haveria de chamar personalismo pedagógico. Não só se adiantou como

desenvolveu o personalismo mais progressista que se produziu em toda a história desta corrente educativa.

O personalismo é a grande síntese cristã entre educação individual, pessoal, e social.

(...) O projecto educativo das Casas do Gaiato supõe uma nova receita do autor necessária não só à pedagogia específica portuguesa mas também à pedagogia em geral.

(...) O livro é um verdadeiro modelo do que deve ser a investigação educativa no campo misto da história e da teoria».

Padre Acílio

Setúbal

23 de Outubro

EM data que nos recorda o dia 23 de Outubro, nascimento de Pai Américo, a presença de muitos Amigos que o conheceram pessoalmente, faz-nos saborear os dons dessa amizade.

É o caso do casal Rolo que, completados cinquenta anos de matrimónio, nos vieram trazer o valor monetário das prendas que a eles seriam destinadas pelos familiares e amigos.

Outros casos podíamos referir, todos eles a certificar-nos a auten-

ticidade de uma amizade que fica provada por todos estes anos que entretanto se passaram.

Se não directamente referida a Pai Américo, a recordação d'O GAIATO visto nas mãos dos rapazes há muitos anos, faz então despertar sentimentos de ternura e fraternidade, e o desejo de, quando possível, se materializassem em bens esses impulsos amorosos. Entre muitos que recordam com emoção essas experiências, está um Amigo que nos escreveu, a quem

ficou retida na «memória a imagem de marca dos 'gaiatos'», e nos envia um sinal da sua amizade — «uma gota adicional no oceano».

Os frutos desta sementeira que Pai Américo, de diversos modos, lançou nos corações, colhemo-los hoje com alegria, num tempo em que os terrenos se mostram áridos e nos é perdido um esforço redobrado para persistirmos com a mesma sementeira.

Pois se a tarefa de educar e de criar os filhos nunca foi caminho plano a percorrer, hoje, com a multiplicação de interferências com poder sobre as crianças e jovens, não diminuem, antes sobrecarregam os pais, obrigados a maiores atenções e preocupações.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CALVÁRIO DOS POBRES — A situação económica dos mais Pobres é agora de tal ordem, sem possibilidades de comprarem, na botica, os remédios receitados pelo Médico, indispensáveis a carências no domínio da Saúde.

Até os diários publicam, chamam a atenção disto mesmo e nós, pessoalmente, damos fé do problema dos que mais precisam.

Por isso, a facturação daqueles a quem servimos nas emergências, é muito cara. Só no mês de Setembro pagámos à farmácia mais de quinhentos euros.

PARTILHA — Assinante 15606, de Almeirim, «com todo o amor e carinho envio um cheque de 200 euros e desejo as bênçãos de Deus para todos».

Cinquenta euros, da assinante 23149, de Oeiras, «para pagamentos de farmácia. Bem-hajam pela vossa Obra! Um abraço amigo», que retribuimos com amizade.

«Com votos das maiores felicidades, 15 euros do assinante 12853, de Linda-a-Velha». Este Leitor termina com um «Deus vos ajude». Ao bom Amigo, também.

Cem euros, do assinante 68596 «para, anonimamente, ajudar os Pobres da Conferência».

Assinante 14011, de Cruz Quebrada, regulariza a assinatura d'O GAIATO «com trezentos euros, se estiver em dívida. E contribuo para despesas em casas dos Pobres que a vossa Conferência apoia (ou outra despesa que considerem mais urgente neste momento)».

Cinquenta euros, da assinante 66345, de Coimbra.

Trinta, da assinante 37997, do Barreiro. «Eu e o meu marido temos uma reforma mínima. Não podemos enviar mais. Peço uma oração para mim e meu marido porque estamos doentes». Os Pobres ajudam os Pobres!

Do Porto, «com destino à vossa Conferência, e com destino a dar por vós e pela alma dos meus Pais, mandei um postal de cem euros. Deus vos guarde e ajude em tão pesadas missões que vos são outorgadas. Para o Júlio, saudações amigas duma Maria Amélia, ex-companheira da Escola Mouzinho da Silveira, no Porto». Saudações com a amizade de sempre. É a assinante 13600.

Duzentos euros, duma Leitora de Lamego. «Peço que o Senhor vos conceda a fortaleza que essa acção tanto exige, juntamente com todas as graças».

Assinante 44529, de Coimbra, vinte euros, «por meu sobrinho».

«Para gastos de farmácia com os Pobres, 25 euros e peço desculpa de ser tão pouco, mas dados com muita vontade» — oferta da assinante 26554, de Lisboa.

De Águeda, mais 25 euros, da assinante 56157, «também por um filho».

Quinze euros, do assinante 12853, de Linda-a-Velha, «com votos das maiores felicidades e Deus vos ajude». Obrigado.

Assinante 4866, de Santa Cruz do Douro, cem euros «com a amizade de sempre». Deus vos proteja.

Do Porto, assinante 56964, cinquenta euros, «um pouco daquilo que o Senhor me dá para os Pobres».

Da Covilhã, cinquenta euros, «para os Pobres. É pouco para tanta

pobreza, mas dados de boa vontade, pois sou reformada».

Oitenta e cinco euros, do assinante 9790, de Perosinho.

Cinquenta euros, do assinante 19948, do Porto, «contributo para a farmácia. Rezo diariamente pela vossa Obra». Que bom!

A remessa habitual, de Lourdes, de Cacém, «pozinhos para os mais pequeninos».

Assinante 29597, de Cascais, com cinquenta euros, «pequena gota para ser encaminhada como melhor entenderdes».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Se eu pudesse escrever uma coluna de alto a baixo a dizer: «Os nossos rapazes são os maiores!», chegava ao fim, e ainda não estava satisfeito.

Tal como tínhamos dito, os Seniores deslocaram-se ao campo do Futebol Rec. Cabeça Santa. Perderam, mas a valentia e a personalidade deles foram de tal ordem que deram origem a ouvirem-se, das bancadas, quando estávamos a perder por 3-2, algumas bocas para os nossos adversários, por parte dos seus próprios sócios. Desde o nosso guarda-redes ao ponta-de-lança, foram incansáveis, não poupando esforços, nem arranjando tempo para se queixarem das sucessivas faltas de que eram alvo. Um jogo viril, mas correcto. O jogo por alto foi todo ganho pelo Cabeça Santa, mas, mesmo assim, o «Bolinhas» foi exímio ao marcar um golo de cabeça, daqueles de se lhe tirar o chapéu. Deixou o guarda-redes colado ao chão! Já o Gil, que sofreu falta para grande penalidade, também não falhou ao converter o mesmo castigo. «Bonga», capitão da equipa, e Rogério foram obrigados a sair por já não poderem aguentar mais. Foram tão sacrificados!... Permitam-me que saliente mais três nomes, sem menosprezar os restantes: Gil e Ilídio, dois autênticos carrascos do jogo; «Teixugueira», um verdadeiro polivalente.

Queremos também deixar bem claro que fomos recebidos, por toda a gente, de uma maneira tão querida que rapidamente esquecemos que perdemos por 4-2.

Já os Juvenis, também deram início à sua temporada desportiva. Receberam o U. S. C. Baltar e empataram a três golos.

Uma primeira parte de luxo, e uma segunda assim a assim. Chegámos ao final da primeira parte com vantagem no marcador. No entanto, fomos obrigados a mexer na equipa, muito embora sempre convencidos de que tudo correria normalmente até ao fim. Mas, não. Logo no começo da segunda metade do jogo, sofremos o primeiro golo, o suficiente para não sermos capazes, mais uma vez, de manter a mesma postura dos primeiros quarenta e cinco minutos. Depois do 2-0, consentimos o empate, e sem esperar muito tempo ficámos a perder por 2-3. Valeu-nos um golo de grande penalidade, que o árbitro marcou, com o nosso jogador em posição de fora-de-jogo. Mas valeu e é o que conta.

Alberto («Resende»)

Santo Antão do Tojal

AULAS — Nesta altura todo o pessoal já está em aulas. Espera-se, neste período, o melhor dos nossos rapazes. Tudo depende deles para que o ano lectivo termine com sucesso. Assim, em cada rosto vai nascer um novo caminho.

MUDANÇA DE TEMPO — Já começou o frio e, mais importante, é termos cuidado com os agasalhos para não apanharmos gripes nem constipações.

FUGITIVOS — Um grupo de cinco rapazes da nossa Casa, decidi dar um passeio pela cidade de Lisboa e terminar no outro lado do rio. (Filhos pródigos do nosso tempo). Quatro dias depois, dois táxis à nossa porta com os meninos cheios de fome e com roupa suja. O Luís Paulo, o mais velho, que estava a desencaminhar os meninos, foi-se embora de imediato com a mãe, pois quem não quer aproveitar, que deixe o lugar para os outros que precisam.

Abílio Pequeno

Setúbal

VACARIA — Temos uma vaca que é campeã a dar leite. Tivemos também uma que estava doente e acabou por morrer. Era uma vaca de primeira barriga, e como não foi ajudada a parir, ficou doente e o bezerro morreu.

EXCURSÃO — Vieram cá num autocarro, um grupo de pessoas Amigas, de Castelo Branco. A D. Fernanda organizou a viagem para nos verem. Quando chegaram foram à Missa. Depois, algumas senhoras ofereceram-se para fazer o almoço. Trouxeram comer já feito, sobremesas e sumos. Viram a nossa Casa que alguns rapazes mostraram. Gostaram muito de nós e ficaram contentes de vir cá. Nós também ficámos contentes de as conhecer e daquilo que nos trouxeram.

DESPORTO — Num sábado, da parte da tarde, veio cá um senhor treinador de atletismo para ver se conseguia fazer um grupo de rapazes para correr, saltar e lançar. Os que se interessaram foram o «Chambel», o David, o «Zézinho», o Pedro «Gordo», o «Rato» e eu. Na próxima semana vamos voltar a treinar para ver se conseguiremos ser uns atletas.

FOLCLORE — O Grupo de Danças e Cantares Regionais do Faralhão, veio cá mostrar as danças deles para nós aprendermos a dançar folclore. Virão cá mais vezes para nos ensinarem e para que consigamos dançar como eles. Esperamos que todos gostem de participar.

FUGITIVOS — Fugiram três rapazes cá de Casa. Foram o «Drácula», o «Cagatão» e o «Alentejano». Tinham roubado dinheiro do escritório. Foram para a nossa casa da Arrábida fazer estragos. Fizeram comer, viram televisão, comeram sortidos que estavam na despensa, dormiram na cave e deixaram tudo sujo. Destes três, já cá temos dois de volta, e falta o «Cagatão».

Horácio



O que era...



... e o que é a casa do «Palhacito»!

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Finalmente ficou concluída a recuperação da casa do nosso colega José da Silva Santos, «Palhacito», e conhecido na sua terra por («o Inês»), em Cadima — Cantanbede, tendo-se ali deslocado, para uma espécie de inauguração, os elementos da Direcção da nossa Associação, mais um ou outro colega que se interessou também pelo caso.

Foram dadas a conhecer as diligências feitas para o avanço das obras, o que ficámos a dever à Câmara Municipal do concelho, que se serviu de um dos Programas que abrangem casos destes, bem como à Cadimarte que executou os trabalhos tendo-se aproveitado as paredes exteriores e o telhado, tudo o resto sendo novo interior e exteriormente, pois não existia quarto-de-banho e apenas o quarto de dormir tinha essa aparência. Hoje, tudo está bonito e airoso, o que se poderá imaginar pelas fotos inseridas.

Não podemos deixar de agradecer também o interesse colocado pelo Presidente da respectiva Junta de Freguesia, assim como a colaboração prestada pelo Património dos Pobres, através da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que pela mão do João Aurélio, mandou executar o gradeamento e o portão de entrada, montados por este nosso colega e pelo «nosso» «Chola» que muito trabalhou para a consumação desta realização; e também não podemos deixar de realçar o que fez o «Tó Miranda» pelo seu amigo e antigo colega.

O recheio da casa ainda não é o que desejávamos, apenas se tendo conseguido um frigorífico, oferecido pela Orima (embora de um cliente seu que desconhecemos, mas agradecemos), mais uns bancos. Temos um armário

prometido que esperamos ali entregar, faltando um já reclamado fogão a gás, mesmo usado, que esperamos conseguir ainda, mas não precisa de ser grande, pois o que lá está a servir é um fogareiro a gás.

A todos o nosso muito obrigado, pois se conseguiu o que há muito perseguíamos a bem de um desfavorecido.

Para encerrar aquela tarde de Domingo, sem qualquer pompa, bem à moda portuguesa, finalizámos com uma merenda que as nossas mulheres prepararam e levaram, muito embora o «Palhacito», prevenido, também estivesse abastecido para o efeito, pois não sabia que fomos fornecidos. Ainda passámos por casa de um nosso colega ali vizinho. Então, sim, fechámos o dia...

Manuel dos Santos Machado

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

CONVITE — Em 5 de Novembro, sexta-feira, pelas 17 horas, em Santo Antão do Tojal (Loures), no Palácio dos Arcebispos, na nossa Casa do Gaiato de Lisboa, será apresentado o livro «O Projecto Educativo do Padre Américo», da autoria do Professor Ernesto Candeias, Subdirector da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, publicado pelo «Círculo de Leitores», através da sua edição «Temas e Debates», e com prefácios do Professor António Nóvoa, vice-Reitor da Universidade Nova, e do Professor Antoni Cañellas, Catedrático de Teoria de Educação da Universidade das Ilhas Baleares (Espanha).

A apresentação da obra, que será

Malanje

Irmã Dominique

A morte da Irmã Dominique correu veloz e deixou um silêncio em cada coração. Nuns, o sentimento de gratidão; noutros, de saudade profunda; em todos o exemplo de doação da sua vida toda ao Senhor e aos outros.

Radical na sua entrega ao seu amigo Jesus!

Está reflectida em cada instante no atendimento aos irmãos.

Recordo o sorriso com que me acolheu num dia de calor... O mesmo que, logo a seguir, deu a um drogado e alcoólico!

Recordo o seu Minguito que caiu de uma árvore e ela o mandou para Itália e já anda! O Abílio que enviou para Portugal e já tem um rim.

Tantos gaiatos que ela acolheu e acari-nhou em sua casa!

Os seus gestos de carinho e ternura para com todos, emanados do seu grande amor ao Senhor; estão sempre presentes e ajudam-me.

Não quis morrer em Angola porque sabia que todos os habitantes de Luanda beijariam a sua bata branca! Morreu discretamente e humilde, como na vida, numa clínica de Paris.

Descansa com alegria no Teu Amigo que primorosamente preparou a tua morada!

Adeus Irmã Dominique e que seja até um dia. Pede ao TEU grande Amigo.

Pobres

O Diácono Rui, que se prepara para ser Padre da Obra da Rua, há dias, foi levar um gaiato à família, por mau comportamento. Veio de lá triste e angustiado. A irmã vive na miséria e num tugúrio com dois filhinhos e a sua fome...

Há dias, dei a volta a um bairro para deixar outro à família. Nem casa nem família! São nossos os mais repelentes! Mas precisamos de fazer nascer dentro deles uma vontade de se fazerem homens.

Na revisão do nosso ficheiro notamos que alguns, por nosso lapso e distração, deviam estar com a sua família... Três já foram. Esperamos que reconheçam que o seu lugar é a família. Quando a família de sangue clama, nós ficamos sem voz.

Vieram as nossas Irmãs

DEPOIS de quase um ano de ausência, vieram as nossas Irmãs. Dizemos nossas porque desde o tiroteio na nossa Aldeia, da fuga para o Seminário e da vinda, de novo, para a nossa Casa, estiveram sempre connosco.

Chegaram ontem e com grande vontade de nos ajudarem. Sentimos a sua falta e estamos felizes com o seu regresso.

Padre Telmo

Setúbal

Continuação da página 1

O que foi não voltará a ser, mas se houver amor no modo como fazemos a sementeira, dela brotarão, também, frutos carregados de vida.

O amor pelos filhos de ninguém nunca acabará, porque estes também não acabam. O desnoite do homem, desorientado da sua estrela polar que é Deus, parecendo agora

mais acentuado, só pode gerar frutos de desumanidade que não podem ficar abandonados.

Continuarão a correr lágrimas de amor e compaixão, na contemplação desta realidade, como as daquela jovem que nos veio pedir para assistir ao seu matrimónio, incapaz de as conter depois de ter participado na Missa da nossa Comunidade.

Os caminhos de Pai Américo foram caminhos de amor, estes e só estes nos são dados hoje a percorrer.

Padre Júlio

feita pelo Professor Antoni Cañellas, contará com a presença de Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo e de Sua Excelência o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio e, também, dos Padres da Obra da Rua.

Estarão disponíveis, para os antigos gaiatos que queiram marcar presença neste acontecimento, dois autocarros que sairão da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, logo após o almoço, 12h30.

O convite é extensivo às esposas, filhos, familiares e amigos que queiram comparecer.

Num momento em que a Obra da Rua e a sua face mais visível, as Casas do Gaiato, passam por um período de suspensão na sua acção de «fazer de cada rapaz um homem», será bom que todos, que puderem, estejam presentes. Não há prova maior do que prestar testemunho, perante os incrédulos, de que somos uma Família; que sentimos fortemente esta nossa condição de ser gaiato; de mostrar ao mundo que as Casas do Gaiato são Casas de Bem, capazes de enraizar no coração, de cada um de nós, sentimentos fortes de amizade, gratidão e amor; que ainda somos, apesar do tempo que medeia entre o actual e o da Fundação, o que alguém um dia descreveu como sendo «a coisa (Obra) mais séria que existe em Portugal».

Será conveniente sabermos

quantas pessoas irão. Marca presença até 3 de Novembro através do 255752285 e fala com o «Régua».

Júlio Fernandes

Associação
de Antigos Gaiatos
de África

PAI AMÉRICO — Quero deixar aqui gravado, hoje, na máquina, para que amanhã possa ser arquivado na lembrança de todos os que amam Pai Américo, que nasceu a 23 de Outubro de 1887, em Galegos, no concelho de Penafiel, há 117 anos. O perfil de um homem que viveu, sofreu, foi incompreendido por muitos, porém respeitado por todos; que nunca permitiu que o mundo e a humanidade o corrompessem.

Um homem que foi criado e educado em uma redoma de vidro, como se fosse um diamante para ser lapidado. Demorou muito a sua lapidação; mas mais vale a lapidação que nunca. Estava protegido por um muro alto. Um dia, surgiu, de repente, um vendaval muito forte, o muro desabou e ele conseguiu libertar-se, ter a oportunidade da liberdade sonhada: a sua preocupação

pelos Pobres, pelos rapazes da rua que vadiavam e roubavam para comer; foi a estrada que ele escolheu para a vida e que tinha que atravessar.

O homem que levou uma «Martelada» de D. Rafael da Assunção, Bispo de Lourenço Marques, é assim que abre o «Caminho da Luz» nesta cidade. Passa de homem rico e bem sucedido na sua vida profissional para um pobre, entregando-se aos Pobres sem pensar na vida abastada que poderia ter levado.

Que lhe devia Pai Américo ao massacre das crianças naquela escola da Rússia às mãos de meia dúzia de terroristas? Isto para não falar das crianças que morrem noutras guerras. Eu diria, que ele ficaria triste, mas com mais vontade de continuar a proteger na sua «capa» o maior número de crianças que se poderiam perder. Assim aconteceu e está a acontecer em Malanje, Benguela e Moçambique; uma «capa» grande que chegou a África, mas que poderia chegar à Ásia.

A vida de Pai Américo era lutar, lutar sempre, sem ferir, mas não se deixava atingir nos seus valores.

Muito obrigado Pai Américo e que este dia, do teu nascimento, nos sirva para olharmos de frente todos os Padres da Obra da Rua, suas Casas do Gaiato, o Calvário e o Património dos Pobres, que Padre Acílio bem acompanha.

Com todo o respeito que

DOCTRINA

«Há-de haver sempre escândalos no mundo»



TEMOS sob as nossas telhas, dois pequeninos na casa dos quatro, os quais fomos topar cada um em seu tugúrio, sequestrados, vítimas pequeninas de grandes tratos. As histórias destes dois inocentes têm fundo de semelhança. São mulheres que dão à luz e depois se encontram muito embaraçadas, por isso mesmo confiam a criança a outras mulheres com a promessa de um tanto por mês — e desaparecem. A mulher que aceita as condições e recebe o enjeitado é tão miserável como quem faz a entrega. Se a vida já era um fardo, agora é fardo maior. Como a pensão nunca mais chega, começa o «pensionista» a ser aborrecido e depois um indesejável. Eram ambas farrapeiras da viela, as duas que contrataram. Deixavam os pequeninos em casa e saíam para a rua todo o dia, a apanhar cisco. Chamá-los à vida, foi o primeiro cuidado das nossas governantas. Nunca haviam comido nada feito ao lume. Não conheciam nem sabiam os nomes das coisas. Não venho apedrejar aqui as pecadoras que entregaram seus filhos, muito menos as mulheres que os tomaram. Quem não tiver pecados que o faça.

DE uma vez, «naquele tempo», quise-ram apedrejar uma certa mulher casada, surpreendida em adultério, como a lei mandava que fosse. O Mestre estava ao pé. Olhou em redor. Escreveu na areia. Não viu ali o homem que a fez cair. Quem sabe se não teria sido um dos próprios acusadores! Talvez por isso mesmo ninguém arremessou a pedra!

— Ninguém te condenou, mulher?

— Não, Senhor!

A lição do Evangelho convida-nos a usar de misericórdia, sim, mas de maneira nenhuma que cruzemos os braços e deixemos correr. É necessário começar a fazer algo para atenuar o mal, uma vez que não se pode eliminá-lo totalmente. As nossas «Rodas» provaram ser remédio falso. Davam facilidades; estimulavam. As Creches mai-las Ninhos, em nossos dias, são parentes das ditas. Orfanatos, Recolhimentos, Asilos, Reformatórios sentam infinitas crianças à mesa do Estado, que deviam por justiça ser encargo dos chamados pais incógnitos. Obras de Assistência particular nem sempre se podem defender do «menino que não tem culpa»; e nada podem conseguir em chamar à pedra as pessoas que a têm toda. Ele é muito difícil resolver problemas de ordem social, sim. Mas têm-se

feito coisas tão espantosas, usando a prata da casa com tamanho acerto, tirando da própria Nação recursos até agora ignorados. Tanto melhor pode amar e apreciar hoje os factos, quem sofreu longe da Pátria a vergonha de ser português. Pois que tornamos a ser no mundo homens de grandes feitos, não seria possível aos estudiosos do assunto tentar resolver o problema na medida do possível?

UMA lei simples, severa, eficaz. Lei da alçada do Regedor e a «vox populi» por testemunha. Tornar responsável o homem e a mulher; aquele em primeiro lugar, por ser a parte mais forte. Os passos que eles viessem a dar e sacrifícios que sofressem, seriam, por si mesmo, reparação adequada.

JÁ em Coimbra, mas agora muito mais no Porto, possivelmente por causa d'O GAIATO, recebo mais vezes cartas dos chamados avançados, onde descrevem seus tenebrosos programas e declaram que vai acabar a prostituição, o jogo, a miséria e coisas assim. Ora tem graça que eu trabalho justamente para isso, com a firme convicção de que nenhum desses males acaba nunca. Não acaba a miséria no mundo. Não acaba a prostituição. Não acaba o jogo. As tabernas não acabam. Da mesma sorte a usura. Estranha missão a de um homem que se propõe dar o sangue das veias e anda na liça para destruir aquilo mesmo que não sofre destruição: «Há-de haver sempre escândalos no mundo». Ora é precisamente por amor dos escandalosos que eu trabalho. Talvez eles escutem, vejam, sintam e comecem a duvidar. A dúvida é o princípio da curiosidade. Esta, o desejo de saber. «É do coração do homem que sai a luxúria, a avareza, o roubo, as rixas.» A tal ponto...!, que somente pela destruição daquele se poderiam destruir estes males.

SENHOR dos Céus para Quem eu vivo; se for necessário dar o peito às balas por amor destas verdades, que são a Vossa Palavra, não dou licença a ninguém de ir à frente. Quero ser eu o primeiro

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

tenho por todos os Padres da Obra da Rua, quando me lembro de Pai Américo, tenho sempre uma lembrancinha do nosso Padre Telmo, que me perdoem, mas não é por mal, ele foi o meu «Pai Américo» e todos nós temos o nosso. Assim teremos todos o pai ou a mãe que não tivemos na nossa infância.

O NOSSO ENCONTRO

— Esta crónica era para ser elaborada pelo José Luís Pinheiro, um dos responsáveis por este encontro; não pôde comparecer por ter que acompanhar o seu filho, num hospital de Lisboa, em estado de coma.

Embreviveu, graças a Deus, agora está no hospital de Beja, tratando as mazelas que ficaram e ainda são enormes. Já reconhece os pais, mas tem dificuldade em falar.

É nestas alturas que os nossos convívios servem para dar

uma ajuda a quem precisa, só perguntando: — Como é que isso vai!... —, as pessoas lesadas sabem que ainda têm amigos e ficam mais aliviadas e com mais moral para continuarem a vida. Todos desejamos uma rápida recuperação do filho do Zé Luís e esperamos vê-lo em Azurara, local do próximo encontro.

Segundo informações do Tomás, porque eu também fui um dos faltosos, por motivo de doença, o nosso convívio correu bem e tivemos uma ajuda, sempre preciosa, do nosso Padre João. Desta vez estiveram presentes rapazes de todas as Casas do Gaiato de África. Era este o nosso objectivo e conseguimos; também estiveram presentes os responsáveis da Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Centro. Os Antigos Gaiatos de Setúbal ofereceram-nos o vinho, mesmo sem estarem

presentes; o nosso muito obrigado. O próximo encontro será em Azurara, e vai ter como responsáveis: o «Quim Carpinteiro», de Moçambique, e o João Evangelista, de Benguela. Eles vão precisar de ajuda porque vão assumir, pela primeira vez, esta responsabilidade. Nós estamos cá para essa ajuda. Mais tarde saberemos as datas.

RAÍZES DE PAI AMÉRICO

— Tenho o prazer de comunicar a todos o nascimento de duas bisnetas da Obra da Rua. Uma, neta do Fernando Dias e da Emília; e, claro, a neta deste avô baboso, autor desta crónica. Ser, avô é sentir algo que nos fer, aquele vazio que fica dentro de nós porque não somos os pais e temos de esperar pela nossa vez de pegar e dar colo. É o vazio mais bonito e feliz que se tem. É delirante ser avô.

Manuel Fernandes

Benguela

Cantinho da Família

DEIXAI-ME continuar com o *Cantinho da Família*. Não podemos viver sem família. Nascemos para ser família. A natureza humana foi concebida no seio duma Família que é Única.

Quantas vezes tenho sido procurado para acolher filhos que ainda têm um *resto válido* de família? Sentamo-nos. Conversamos. Exploramos, até à última gota, a água que é própria de todo o filho — a família É para aí que vai a nossa ajuda, até onde for possível. A Casa do Gaiato nasceu para os casos extremos. Nasceu para ser Casa de Família dos sem-família. Esta é a definição de que mais gosto. Foi a identificação que Pai Américo registou no seu coração e na sua cabeça. É crime querer roubar-lhe a sua identidade. Ao tempo, foi uma palavra revolucionária que rompeu com todos os costumes, então vigentes. Percorreu o caminho da história, ao longo de mais de 64 anos, com o único desejo de ser fiel ao que lhe é essencial. Agora, não quer outra coisa senão a fidelidade à sua Identidade original

No princípio, como criança ainda bebé, com a forma de ser extraordinária, gerou espanto, reserva e forte controvérsia. A medida que foi crescendo, não tardou a admiração e o acolhimento da porção mais nobre duma Nação que é o seu povo. A Obra da Rua ou Obra do Padre Américo, desde muito cedo, foi e é Obra do Povo de Portugal.

Quantas vezes, já o tenho dito, a propósito do nosso caminhar, de cabeça levantada: É pelo coração do povo de Portugal, que ama a

Obra da Rua como a menina dos seus olhos, onde ela estiver. Os filhos, os pobres e miseráveis de Benguela e Angola bem o sabem.

Ajudar a família, a todo o custo, é cuidar da vitalidade de todo um povo. A degradação da sociedade começa na família. Pai Américo intuiu, viu e vai ao encontro da raiz do mal para prevenir. O ramo da Obra da Rua, então chamado Património dos Pobres, vai cobrir as famílias sem casa. É sabido que a falta de habitação condigna era e é o alfofre de muitos filhos que vão encher as ruas. A promiscuidade, por falta de espaços, é o ambiente propício ao nascimento e desenvolvimento deste tumor maligno social.

Apenas um símbolo do que acontece, todos os dias: Algum tempo antes de partir, subi ao morro que me é muito familiar. Há alguns anos, viviam lá cerca de 500 pessoas. Agora, passam das 20.000. A maioria tem os olhos virados para a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Conheci a mulher ainda muito jovem. Casou-se. Nasceram os filhos. Muitos filhos. Morreu o marido e ficou sem casa porque não lhe pertencia. Um risco grande espreitava aquela mãe e os filhos. Havia homens que a queriam, não por amor, mas para aproveitarem o seu corpo. Só quem vive no meio do povo é capaz de entender, sofrer e alegrar-se com a sua vida. Assim aconteceu comigo. Subi ao morro. Vi a casa disponível para aquela mulher valente e seus filhos e filhas. Ali mesmo, à volta duma mesa muito pobre e bancos do mesmo modo, entreguei o dinheiro da casa ao dono e a casa para morada daquela família. Foi o

vosso dinheiro que não tenho outro.

Os filhos ficam e dormem num quarto. As filhas, noutra. A mãe, no seu. A mulher não vai para a rua. As filhas não vão para a rua. Os filhos não vão para a rua. Estamos felizes por ver esta família segura e feliz. Disse que era um símbolo, porque são multidão incalculável as que esperam a nossa mão.

Pai Américo disse e escreveu que o padrão familiar é a norma de vida em nossas Casas. Ontem, ao princípio da manhã, entrei numa sala acolhedora da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Foi na Casa-Mãe. Parei, admirado com o quadro que vi: Dez dos nossos mais pequeninos, à volta duma mulher que lhes deu seu coração de mãe, a Preciosa, de nome e de valor, mostravam uma cena com sabor a família. Que maravilha! Julgo que as mães de sangue não sabem fazer melhor. Pai Américo com a intuição verdadeiramente inspirada, por isso sábia, corajosa e inovadora afirma e escreve que o verdadeiro técnico em educação é aquele que ama. Quanto mais, mais. Que ninguém deturpe a história da Obra da Rua!

Mais família: Passámos por casa do Fernando e da Vitória. Ele, já reformado da função pública e a exercer a advocacia. Ela, professora. Têm cinco filhos admiráveis. O Fernando cresceu na nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Como ele, quantos outros?! Não tiveram técnicos de cursos a educá-los. Tiveram, sim, corações de pai e de mãe que os amaram até dar a vida por eles.

Padre Manuel António

Pão de Vida

Garfo partido

PELA mesa, quando existe, passa um pedaço da formação do ser humano. Neste tempo, escasseiam os momentos em família, disputados pelo ecrã mágico, e engolem-se, apressadamente e de pé, refeições económicas.

Sobre a Eucaristia, atitude fundamental da Igreja, destacada este ano, pelo Papa, é salientado o «drama da fome que atormenta centenas de milhões de seres humanos».

Se o Evangelho entra pelo estômago, nestas Casas, para os sem-família, não tem faltado o pão à mesa; e dói-nos o coração vê-lo caído no chão. Os nossos pais agarram-no e beijam-no. Jesus pegou nele para Se identificar — «Isto é o meu Corpo».

Às vezes, predominam por cá os doces; porém, é mais saudável aquele alimento, nas merendas diárias.

S. Paulo censurou os coríntios pela divisão e pelos excessos: «*quereis envergonhar aqueles que nada têm?*»

A paciência é uma virtude que a

mentalidade iluminista de progresso desqualificou. O Cristianismo não é *ópio do povo* e não se limita a dar às pessoas boas palavras. A teimosia daqueles que esperam auxílio do Senhor, não significa passividade diante das situações de erro e de injustiça.

A vida humana precisa de tempo para se desenvolver, ordenadamente, desde a concepção. Assim acontece, também, na educação.

A construção da personalidade é feita de pequenos gestos, como pôr a mesa. É uma tarefa que os nossos aprendem e executam, e se reveste de especial significado. Os rapazes, designados para o serviço de *refeitório*, querem realizá-la com velocidade. Porém, *depressa e bem, há pouco quem*. O Ângelo, «Feijão», vai mais devagar.

Colocar os talheres na mesa é uma operação espinhosa para alguns. Nos mais antigos, está gravado o nome *Casa do Gaiato*. Para algumas refeições, faltam peças nas gavetas da copa. São desviadas para outros destinos, como abrir portas, lavagem dos animais e depósito do lixo.

Era Domingo e encontrámos, abandonado à sua sorte, um garfo partido, nas escadas da nossa Capela. Foi o Miguel Ângelo que o endireitou e quebrou. Advertida a Comunidade sobre este desleixo, a seguir veio o Vicente, radiante e a saltar, trazer outro garfo inteiro, que tinha encontrado.

Os talheres que temos reunido, dariam para completar um faqueiro. As facas estão acessíveis quando é preciso cortar a carne dos suínos e bovinos, que são criados para nosso sustento. Empurrar os alimentos e *limpar a eira*, com a ajuda de um naco de pão, não é tão agressivo. O Anderson, «Bebé», prefere esconder a mão esquerda e aninhou, num almoço, um cibo de pão debaixo de um prato ladeiro.

A persistência fiel, no quotidiano, implica resistir às tendências perversas e preparar os jovens «*para todas as boas obras*». As mãos erguidas de Moisés, no cimo do monte, desafiam a rendição, quando o desânimo quer corroer.

Se faltarem talheres nas mesas e, nomeadamente, algum membro da Comunidade, o convívio revela a desunião. O José Henrique, «Bubu», andou por lá meio ano. O dia do Senhor estava a despedir-se, quando ele se sentou, de novo, à nossa mesa.

Padre Manuel Mendes

Cultura da dependência

DA recente estada em Angola trouxe mais vinculada a impressão, já outras vezes aqui comunicada, sobre o malefício das várias ONG's em operação no território. Ao dizer malefício, estou pensando em termos do futuro que urge preparar no presente. Com tal palavra não quero significar despreço do papel que elas desempenharam em tempos de calamidade. Então, sim, foram um benefício — é justo reconhecê-lo — e são-no sempre em situações de emergência. Mas depois... Depois, a continuidade torna-se estímulo à inércia dos *beneficiados*, sejam as populações que, de tão parcimoniosas quanto à sua subsistência com pouco se conformam, sejam os governos responsáveis pela sua autonomia e progresso. Continuar seria promover a cultura da dependência. Deus livre as pessoas e as nações de tal cultura.

Agora trata-se, não de ir entretendo à sobrevivência de tais povos, mas de ajudá-los a assumir a sua dignidade humana que lhes não permite excluir-se da condição universal que é o «comerás o pão com o suor do teu rosto» — condição primeira e *sine qua non* de autêntica independência. Agora é o tempo de reconstruir, tempo de cooperar. Não sei se algumas ONG's têm esta espécie de objectivos na sua filosofia. Quem dera que sim e a este nível permanecessem no terreno. Trata-se de uma tarefa de natureza educativa, bem mais difícil do que acudir com coisas — e já não é fácil distribuí-las com inteligência e justiça! Ajudar as pessoas a sê-lo efectivamente, a formarem-se para uma meta de protagonismo que venha a dispensar a ajuda, exige outras pessoas que, mesmo de mãos vazias, tenham coração cheio e vontade forte para se darem elas mesmas. Quem dera, sim, que as grandes ONG's, contando com o grande potencial de meios materiais ao seu dispor, pudessem contar também entre as multidões que as servem, um «pequeno rasto» apaixonado, capaz desta missão de muita humildade e muito tacto que é a cooperação.

Em Moçambique temos a experiência dela. Como seria possível a acção desenvolvida no seio de populações próximas da nossa Casa do Gaiato, nas áreas da Escola, da Saúde, da construção e melhoramento de habitações, até um pouco na agricultura, sem os auxílios financeiros vindos da Cooperação — os mais significativos da Espanhola, até porque são dessa nacionalidade duas presenças femininas empenhadas de corpo e alma nesta acção?!... E agora que a Cooperação Espanhola decidiu dirigir-se prioritariamente a outras regiões carenciadas, na Ásia, porque a nossa Casa e estas presenças adjuvantes são uma antena a captar sinais, confiamos que esta acção não vai parar, antes acordará outras Cooperções — quem sabe se não a Portuguesa que tão adormecida tem estado até agora?... E é pena que assim tenha sido e é bom que deixe de ser porquanto «neste momento, na Cooperação Portuguesa, por estranho e contraditório que pareça, há dinheiro a mais» («o IPAD, em 2002, gastou apenas 47% do seu orçamento», «por falta de estratégia e clareza na definição de prioridades»). Quem o diz é um professor da Universidade de Aveiro e investigador no *Centro de Estudos sobre África* (CESA) e militante da cooperação. E, no entanto, acrescenta o Professor Carlos Sangreman, «os portugueses têm um potencial afectivo e histórico altíssimo, único na Europa», que «os capacita para uma cooperação de qualidade no desenvolvimento dos países africanos». Os portugueses têm esta capacidade, mas Portugal não a tem aproveitado «por falta de eficiência do *Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento* (IPAD)», o que, além do vazio num espaço apelativo de fecundidade, provoca «a deterioração da imagem exterior da Cooperação Portuguesa».

Colhemos do Professor citado a informação de que a actividade organizada no Ministério do Trabalho «é ainda hoje o melhor departamento de cooperação existente nos ministérios portugueses». Não foi esta notícia de inteira surpresa porque, além de termos já experimentado a ineficácia da Secretaria de Estado da Cooperação, tivemos, há meses, o nosso Padre José Maria numa reunião em Santa Maria da Feira, promovida pelo dito departamento, a qual entreabriu expectativas a uma parceria com a Cooperação Portuguesa capaz de colmatar a brecha aberta pela ausência da Espanhola. Oxalá que as expectativas se transformem em realidade e ela constitua garantia de continuidade para o trabalho feito a partir da nossa Casa de Maputo em prol das populações vizinhas, trabalho cujos frutos estão patentes. É que o pecado de omissão de Portugal comece a ser remido em serviço da Cultura da Independência.

Padre Carlos